



Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES.

EDILSON DOS SANTOS SILVA

**O MAPA MENTAL COMO RECURSO DIDÁTICO NA REPRESENTAÇÃO E
PERCEPÇÃO DA PAISAGEM URBANA**

CAMPINA GRANDE – PB
2014

EDILSON DOS SANTOS SILVA

**O MAPA MENTAL COMO RECURSO DIDÁTICO NA REPRESENTAÇÃO E
PERCEPÇÃO DA PAISAGEM URBANA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, em convenio com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Me Maria José Silva Oliveira

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586m Silva, Edilson dos Santos

O mapa mental como recurso didático na representação e percepção da paisagem urbana [manuscrito] / Edilson dos Santos Silva. - 2014.

44 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Maria José Silva Oliveira, Historia".

1.Mapa mental. 2.Percepção do lugar vivido 3.Ensino da Geografia I. Título.

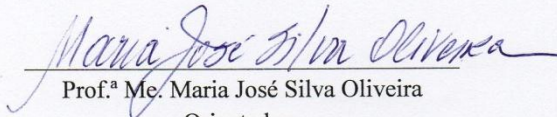
21. ed. CDD 371.3

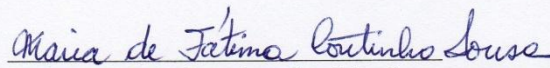
EDILSON DOS SANTOS SILVA

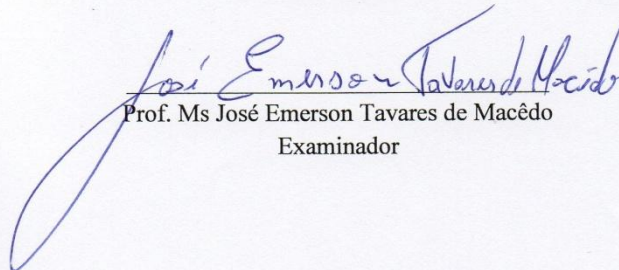
**O MAPA MENTAL COMO RECURSO DIDÁTICO NA REPRESENTAÇÃO E
PERCEPÇÃO DA PAISAGEM URBANA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, em convenio com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 06/12/2014


Prof.^a Me. Maria José Silva Oliveira
Orientadora


Prof.^a Me. Maria de Fátima Coutinho Sousa
Examinadora


Prof. Ms José Emerson Tavares de Macêdo
Examinador

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, por ter me dado força para concluir o curso, em especial a minha família por ter acreditado em meus estudos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, por ter me dado força para concluir o curso, em especial a minha família por ter acreditado em meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido muita força de vontade, paciência e coragem no decorrer dos estudos, acredito que eu não seria nada sem a fé que tenho nele. A toda minha família que é a base de tudo, aos meus pais e minhas irmãs que sempre estiveram ao meu lado nesta caminhada me dedicando apoio e carinho.

A professora Mestre Maria José Silva Oliveira, pelo incentivo e por me fazer acreditar neste trabalho, que mesmo sem me conhecer aceitou prontamente a orientação. Agradeço a todos que fazem o curso de Especialização em fundamentos da Educação, UEPB, pela hospitalidade que tem por todos os estudantes, aos professores que passaram e deixaram sua contribuição e incentivo aos estudos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Vista da fachada da Escola E.E.F. Reitor Edvaldo do Ó.....	25
Figura 02: lugares citados pelos alunos do 6º ano “A”	26
Figura 03: lugares citados pelos alunos do 9º ano “A”	26
Figura 04: Características descritas pelos alunos do 6º ano “A”	27
Figura 05: Características descritas pelos alunos do 9º ano “A”	27
Figura 06: O entendimento sobre os mapas, 6º ano “A”.	28
Figura 07: O entendimento sobre os mapas, 9º ano “A”	28
Figura 08: Alunos do 9º ano na elaboração dos mapas mentais.....	31
Figura 09: Alunos do 6º ano na elaboração dos mapas mentais	32
Figura 10: Mapa mental da rua de um aluno, 9º ano “A”	33
Figura 11: Mapa mental da rua de uma aluna, 6º ano “A”, 2014.....	34
Figura 12: Mapa mental da rua de uma aluna, 6º ano “A”, 2014.....	35
Figura 13: Mapa mental de áreas de lazer e turismo da cidade, 9º ano “A”	36
Figura 14: Mapa mental do Parque da Criança (áreas de lazer da cidade), 9º ano “A”	37
Figura 15: mapa mental da rua da escola, aluno 6º ano.....	37
Figura 16: mapa mental da rua da escola, aluno 9º ano.....	38
Figura 17: mapa mental do trajeto entre a casa e a escola, aluno 9º ano.....	39

LISTA DE QUADROS

- Quadro 01:** Se o espaço da rua ou do bairro dos alunos já foi representado em sala?...28
- Quadro 02:** compreensão de ambas as turmas sobre os mapas mentais.....29
- Quadro 03:** principais locais da cidade que apareceram nas representações.....32

RESUMO

O presente estudo busca apresentar o mapa mental como um recurso didático, visando auxiliar principalmente os docentes de Geografia, a ministrarem os conteúdos relacionados ao estudo do lugar e da paisagem urbana, além de contribuir na aprendizagem dos alunos ao relacionar a Geografia aos fenômenos observados em seu cotidiano. Esse trabalho está fundamentado em uma abordagem humanística, mantendo estreita ligação com o método fenomenológico a partir da análise qualitativa. A pesquisa se desenvolveu na Escola Estadual de E.F Reitor Edvaldo do Ó, Campina Grande - PB, nas turmas do 6º “A” e 9º “A” do turno da manhã, abrangendo na pesquisa 40 alunos. O estudo teve como base uma pesquisa bibliográfica, apoiando-se em teóricos da área pedagógica relacionados à Geografia e percepção ambiental, como Tuan (1980), Richter (2011) e Kozel (2007). Tal estudo tem como principal objetivo que norteia as atividades, analisar o uso do mapa mental como recurso didático que auxilia na compreensão e percepção do lugar vivido. Atrelado a este, se tem a oportunidade de trabalhar as características da cidade a partir do olhar de cada aluno, com isto apresenta-se aos professores e alunos uma nova Geografia, distanciada de um ensino estático, para uma que valoriza as experiências cotidianas. Nesse entendimento o mapa mental utilizado como recurso didático no ensino da Geografia torna-se pertinente já que este se faz a partir da realidade observada. Entendemos que o uso de tal recurso torna-se imprescindível no que diz respeito em relacionar a educação geográfica com o mundo vivido dos alunos.

Palavras-chave: Ensino da Geografia, Mapa Mental, Percepção do Lugar Vivido.

ABSTRACT

This study aims to present the mental map as a teaching resource, which assists the teachers, especially the geography, the minister contents related to the study of place and urban landscape, and contribute to the students relate the observed phenomena to Geography in their daily lives. This work is based on a humanistic approach, maintaining close liaison with the phenomenological method from the qualitative analysis. The research was conducted at the State School of E. F. Rector Edvaldo do Ó, Campina Grande - PB, in the 6th class "A" and 9 "A" of the morning shift, covering 40 research students. The study was based on a literature search, relying on theoretical pedagogical area related to geography and environmental awareness, as Tuan (1980), Richter (2011) and Kozel (2007). Such study aims guiding the activities, analyze the use of mind mapping as a teaching resource that assists in understanding and perception of place lived. Coupled to this, you have the opportunity to work the characteristics of the city through the eyes of each student, it presents teachers and students with a new geography, distanced from a static teaching to one that enhances everyday experiences. Thus the mental map used as a teaching resource in the teaching of geography becomes relevant since this is done from the observed reality. Based on these assumptions, the results find that the use of such a resource becomes essential with regard to geographical education relate to the lived world of the students.

Keywords: mental map, perception of the place lived, Teaching Geography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. O Ensino de Geografia e sua Relação com o Mundo Vivido.....	12
1.1 As Correntes Geográficas: um enfoque na Geografia Humanística.....	12
1.2 O Ensino e a Percepção do Espaço Urbano.....	14
1.3 A Cartografia Escolar e a busca de um ensino significativo.....	16
2. Os Mapas Mentais e a Representação do Mundo Vivido dos Alunos.....	18
2.1 O Estudo do Lugar e a Percepção Espaço.....	18
2.2 O Mapa Mental Como Recurso Didático No Ensino de Geografia.....	19
3. Procedimentos Metodológicos.....	22
4. Desenvolvimento e Análise da Pesquisa.....	24
4.1 Caracterização do Universo da Pesquisa.....	24
4.2. Resultados e Discussões	25
4.2.1. A Percepção Ambiental: olhares a partir do lugar vivido.....	25
4.2.2. As Relações Espaciais na Cartografia.....	30
4.3. A Aplicação do Estudo: a análise dos mapas mentais.....	30
4.3.1. Os Mapas Mentais e as diversas percepções da Cidade.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
6. REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

A educação escolar, assim como o ensino de Geografia, constituem-se como ferramentas que tem como finalidade principal a construção de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade, neste contexto os conteúdos devem manter relação com as experiências vividas pelos discentes em sociedade. A escola deve ser um ambiente propício para que os alunos alcancem as competências e habilidades presentes nos PCNs (2001) e DCNs (2013), exigidas na educação atual como o desenvolvimento da autonomia intelectual, de um pensamento crítico e capacidade de operar os conceitos básicos de cada disciplina, mas é fundamental que estes saibam empregar os conhecimentos na realidade em que se encontram, ou seja, os conteúdos que fazem parte do currículo escolar devem se relacionar com a cultura e com as peculiaridades do espaço vivido pelos alunos.

Em relação ao ensino de Geografia os conteúdos devem contemplar as particularidades dos lugares e manter uma ligação com os aspectos do geral, por isso é essencial que os educadores relacionem os conteúdos exigidos no currículo com os aspectos culturais dos alunos, a partir disto é importante considerar que os livros didáticos não são os únicos recursos disponíveis. E que a Geografia conta com recursos didáticos capazes de minimizar a distância entre o ensino e a realidade dos lugares, sendo importante a inserção dos recursos didáticos adequados que contribuam para que o ensino se aproxime da vida dos estudantes.

Com o intuito de trazer o espaço vivido (correlações e experiências) pelos alunos para a sala de aula e, desta forma, haver uma relação com o conteúdo, aparece o mapa mental como um recurso didático, capaz de integrar de forma simples as experiências vividas pelos alunos com os conteúdos da Geografia em especial com o estudo da paisagem urbana. Tal recurso didático contribui na percepção ambiental dos alunos e também na compreensão dos elementos presentes na cidade, além de auxiliar os professores a mostrar a relação do ensino com o cotidiano dos estudantes.

Este trabalho tem como objetivos analisar o mapa mental como um recurso didático capaz de transpor para o ensino de Geografia a percepção do espaço vivido, estudar a paisagem urbana a partir das múltiplas representações obtidas pelo mapa, além de demonstrar que a Geografia escolar com o auxílio dos recursos didáticos apropriados contribui para uma construção de cidadãos críticos e com um senso espacial mais apurado.

O estudo proposto justifica-se pela necessidade que o ensino de Geografia na atualidade tem para transformar os conteúdos abordados, em algo próximo a realidade do aluno, visto que em todo o momento cobra-se dos professores que relacione a disciplina com o mundo vivido dos estudantes. Porém não é dado um suporte concreto para que os profissionais da educação assumam esta tarefa.

A pesquisa se desenvolveu de forma qualitativa, se baseia no método fenomenológico com um viés humanístico, pois busca-se o entendimento da percepção do aluno em relação ao seu espaço de vivência, atrelando as experiências dos alunos ao ensino de Geografia, nas turmas do 6º “A” e 9º “A” ano do ensino fundamental, na Escola E.E.F. Reitor Edvaldo do Ó, Município de Campina Grande-PB. Tendo como procedimentos metodológicos, a pesquisa de campo nas turmas analisadas com o desenvolvimento de atividades didáticas, aplicação de questionários e registro fotográfico.

O presente trabalho aborda o mapa mental como um recurso didático que estabelece um vínculo entre os conteúdos tradicionais da Geografia com as perspectivas educacionais exigidas atualmente. Tal estudo está dividido em quatro partes, a primeira se refere ao desenvolvimento da Geografia como ciência, a consolidação do seu objeto de estudo no decorrer do século XX. Aparecem também questões sobre as exigências e perspectivas adotadas no ensino de Geografia e da Cartografia Escolar.

A segunda parte caracteriza-se por abordar o mapa mental como um recurso didático que se relaciona com o estudo do lugar. A terceira parte se refere aos procedimentos metodológicos adotados no decorrer do trabalho em campo. E por fim a última parte diz respeito aos resultados obtidos a partir do desenvolvimento da pesquisa em campo, buscando manter uma relação com o conteúdo teórico conceitual da pesquisa.

O estudo sobre o mapa mental e ensino de Geografia, evidencia-se deveras relevante em contribuir para que a educação escolar e, de forma específica o ensino de Geografia, sejam capazes de desenvolver alunos mais críticos e com um senso espacial mais apurado. Aliando a Geografia a uma didática inovadora, capaz de trazer para sala de aula às experiências dos alunos, transformando os conteúdos abordados em algo dinâmico e mais próximo as particularidades de cada lugar.

1. O ENSINO DE GEOGRAFIA E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO VIVIDO

1.1 AS CORRENTES GEOGRÁFICAS: Um Enfoque na Geografia Humanística

A Geografia como uma ciência que estuda o espaço a partir das interações estabelecidas entre a sociedade e o seu meio, percorreu varias etapas para a consolidação do seu objeto de estudo. No decorrer de sua história epistemológica, apareceram varias correntes geográficas que influenciavam o rumo que a Geografia deveria seguir, dentre as mais importantes destacam-se as que seguiam o Determinismo Ambiental, o Possibilismo, a Nova Geografia, a Geografia Crítica e a Geografia do Comportamento e da Percepção. Corrêa (1987) aponta a contribuição de uma base comum para a sistematização do saber geográfico.

Subjacente a todos os paradigmas há um denominador comum: a geografia tem suas raízes na busca e no entendimento da diferenciação de lugares, regiões, países e continentes, resultante da relação entre os homens e entre estes e a natureza. Não houvesse *diferenciação de áreas*, para usar uma expressão consagrada, certamente a geografia não teria surgido. Estamos falando, pois, do cerne da geografia, ainda que o seu significado não tenha sido sempre o mesmo. (1987, p.08)

Desde o inicio a Geografia compartilhava um objeto comum de estudo, no século XIX, inicio da consolidação da geografia como ciência, aparece o paradigma determinista desenvolvido na escola alemã, neste a natureza determinava o comportamento e ações humanas e a região passou a ser o objeto central dos estudos geográficos, tendo como maior teórico o Geógrafo Frederic Ratzel.

No inicio do século XX surge na escola francesa o possibilismo, sistematizado por Paul Vidal De La Blache, seus estudos enfatizava o homem, este não mais subordinado as limitações do meio, a natureza passa a ser considerada fornecedora de possibilidades, surge o termo região geográfica. Neste contexto a categoria paisagem confundia-se com região se entrelaçando os conceitos.

Posteriormente surge a “Nova Geografia”, mais conhecida como a Geografia Teórico-Quantitativa se aproximando do neopositivismo, o termo organização espacial surge neste período, à região deixa de ser o objeto central, passando a ser evidenciado o espaço, através da organização espacial da sociedade. A Geografia escolar passa a se tornar algo distante da realidade, sem despertar no aluno um senso questionador, onde o ensino desempenha um papel menos questionador da realidade, obedecendo às perspectivas do Estado.

A Geografia Crítica nasce na década de 1970 e surge com a necessidade de reavaliar os conceitos relacionados à Geografia, a fim de trazer a análise do seu objeto para as

transformações atuais. Como confirma Moraes (1983) “[...], o designativo de crítica diz respeito, principalmente, a uma postura frente à realidade, frente à ordem constituída. São os autores que se posicionam por uma transformação da realidade social”. Ao analisar as influências da Geografia crítica para o ensino, pode-se considerar que serviu de impulso para se buscar trabalhar a realidade dos alunos nas temáticas abordadas em sala.

A Geografia Humanística surge na década de 1970, como uma vertente da Geografia da Percepção e do Comportamento, tal corrente do pensamento é o resultado de esforços de geógrafos que buscavam inserir no campo das pesquisas a maneira como os indivíduos se relacionam com o ambiente, este sob um viés da percepção ambiental. Dentre os pensadores desta corrente se destaca David Lowenthal e Yi-Fu Tuan, estes contribuíram para detalhar o estudo do lugar relacionado com a percepção da sociedade. Tuan (1985) aponta o objetivo da Geografia Humanística:

A Geografia Humana procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. (p.143)

A relação cotidiana da sociedade com seu lugar de vivência são valorizados nesta corrente, apoiando-se na fenomenologia para explicar os fenômenos da realidade estudada. A percepção ambiental dos indivíduos é o tema central das pesquisas, sendo as categorias geográficas de espaço e lugar consideradas como centrais para o entendimento das experiências dos indivíduos com o ambiente. No Brasil destacam-se os trabalhos de Livia de Oliveira e Regina Batista Nogueira, sendo esta última direcionando seus esforços na pesquisa dos mapas mentais. Para Rodrigues (2008) a geografia humana apresenta-se da seguinte forma:

Caracteriza-se por realizar estudos para explicar como o individuo tem a percepção do lugar. Objetiva compreender a percepção e o comportamento das pessoas em relação ao lugar. Para cada individuo ou grupo humano, o lugar é aquele em que ele se encontra ambientado. O lugar faz parte do mundo, sentimentos e ações. (p.112)

A contribuição da Geografia Humanística para o ensino é diversa, onde a percepção dos alunos em relação ao seu lugar vivido é valorizada, podendo relacionar o conteúdo trabalhado no livro didático com o cotidiano dos alunos. A Geografia passa a ser vista como uma disciplina que faz parte da vida dos alunos e os fenômenos estudados pode ser comprovada com a análise do espaço vivido, a partir da percepção de cada aluno.

1.2. O Ensino e a Percepção do Espaço Urbano

A Geografia na atualidade apresenta-se muito além de uma disciplina meramente escolar, mas desempenhando um importante papel para a construção de sujeitos críticos, cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, sendo capaz de se situar e compreender seu espaço vivido.

Não sendo suficiente apenas o ensinar de maneira sistemática, o ensino de Geografia requer uma didática voltada para a transformação do aluno em sujeito pensante. Distanciando com isso do sistema tradicional, passa-se a adotar uma didática que prime pela construção de alunos capazes de enfrentar os desafios da vida e não apenas com o intuito de vencer conteúdo. De acordo com Kimura (2008), o ensino era pautado em métodos ultrapassados, como se constata a seguir:

As concepções sobre a transmissão do conhecimento julgavam que o aluno permanecia em relação muito passiva no ensino-aprendizagem, sendo tratado como um receptáculo vazio e dócil, pronto para ser preenchido pelo conhecimento emanado do professor, que, sendo o dono do saber, era o único a expressar-se. (p.74-75)

O aluno de hoje difere daquele que apenas ouvia e concordava com o professor, passando a atuar como elemento fundamental para a concretização do processo de ensino-aprendizagem. Sendo todos os esforços voltados para que o aluno possa sistematizar o conhecimento adquirido na escola e poder transformá-lo em algo que lhe permita se relacionar de uma maneira mais crítica com os problemas e virtudes presentes tanto em sua comunidade, quanto em nível mais geral.

Nesta perspectiva o ensino da Geografia atualmente trabalha o local e global de forma que apresente os conteúdos da Geografia física e humana relacionados, atrelando a assimilação do conteúdo com uma visão crítica de mundo. Em consonância com os objetivos da ciência que trata da análise da sociedade e da maneira como essa se relaciona com a natureza produzindo o espaço geográfico. Os PCNs apontam os objetivos do ensino da Geografia que é de propiciar ao aluno a ter acesso a diferentes formas de como ler o mundo em sua volta, relacionando os conteúdos físicos e humanos, sendo os objetivos da ciência geográfica:

A Geografia tem por objetivo estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem. Na busca dessa abordagem relacional, trabalha com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais característicos de cada paisagem, para

permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição, para identificar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza em sua interação. (BRASIL, 2001, p.26)

A Geografia se transforma em uma ciência dialética que busca a junção dos diversos olhares para a compreensão do espaço atual. É com este enfoque que o estudo da cidade aparece como uma alternativa para haver uma relação entre a Geografia e a vivência de cada aluno na sala de aula, trazendo para as discussões a realidade do lugar onde vivem e das características da comunidade em que vivem, o saber escolar deve estar inseridos aos fenômenos presenciados pelos alunos em seu cotidiano. É nesta perspectiva que Castellar 2010 ressalta a relação entre o ensino e o estudo da cidade:

Organizar um projeto para estudar a cidade ou o lugar de vivencia do aluno significa gerar procedimentos e fornecer instrumentos multidisciplinares ao aluno para ampliar sua compreensão da própria ciência geográfica e de suas interações com a experiência pessoal. (p.123)

O estudo da cidade e dos seus diferentes espaços urbanos pelos alunos assume a relevância de trazer para a sala de aula as diversas percepções que estes têm do lugar vivido, porém muitas vezes esta temática não é trabalhada de maneira adequada no ensino de geografia na educação básica, passada muitas vezes como algo distante da realidade dos alunos, como confirma as Orientações Curriculares Nacionais (2006):

Podemos citar como exemplo a discussão da geografia urbana na escola, a qual se atém em grande parte a conceitos teóricos, não havendo consciência de que para estudá-la é importante compreendê-la como o lócus de vivência da população e, em nome da mundialização, desconsidera-se o lugar como o local de vida e de possibilidade de fazer frente aos movimentos e interesses externos do mundo. (p.49-50)

É preciso que o professor trabalhe sua didática voltada para as questões da realidade em que os alunos estão inseridos, relacionando o enfoque mais geral de cidade e espaços urbanos até chegar as características da comunidade próxima a escola e que, além disto, estes temas estejam presentes na sala de aula. Dentro desta perspectiva os DCNs (2013) esclarece a necessidade da união entre as escalas de análise no ensino:

Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular a seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos, que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. (p.115)

Com o estudo das características do espaço urbano, todos os estudantes têm a oportunidade de presenciar uma dada realidade e a partir disto tirar suas próprias

considerações, não ficando preso apenas ao saber teórico. O ensino vai além da sala de aula, onde o espaço vivido passa a ser usado como um recurso que auxilia aos alunos em atribuir significado ao conteúdo estudado. Estes ao analisarem as características físicas e sociais presentes na paisagem conseguem relacionar os conhecimentos adquiridos no livro didático à realidade observada, transformando o ensino estático em algo inovador.

1.3. A Cartografia Escolar e a Busca de um Ensino Significativo

A Cartografia escolar aparece como um suporte teórico e metodológico para auxiliar os professores em como melhor relacionar o conteúdo com o mundo vivido, sendo um dos fundamentos para que ocorra esta relação é saber usar os mapas como recurso que estimule os alunos a compreenderem o mundo. É essencial que os educadores em sua prática, esclareçam para os alunos que a Cartografia não se resume apenas na identificação de fenômenos geográficos, estes devem levá-los a unir o que está representado com a realidade, tomando como base as concepções abaixo:

A representação espacial leva a construção de linguagens, a exemplo dos mapas. Daí que elas precisam ser compreendidas em si e, ao mesmo tempo, como instrumentalizações. Escrever e ler graficamente o espaço faz parte do processo de produção de significados. Nesta perspectiva, o professor de Geografia tem um papel relevante ao trabalhar com diversas representações gráficas como os mapas, contribuindo para a produção de significados e para a compreensão do conteúdo sensível e concreto. (KIMURA, 2008, p.115)

Na atualidade entender os mapas significa compreender a realidade, os mapas nas aulas de Geografia constitui-se o principal recurso didático, porém este sempre foi usado como mero recurso visual, onde os alunos não tinham a oportunidade de manipulá-lo e conseqüentemente o professor não desenvolvia uma alfabetização cartográfica em seus alunos, como considera Almeida (2011):

[...], sabe-se que, na escola, o uso de mapas tem se restringindo, na maior parte dos casos, apenas a ilustrar ou mostrar onde as localidades ou ocorrências estão. Por outro lado, a formação do cidadão não é completa se ele não domina a linguagem cartográfica, se não é capaz de usar um mapa. (p.18).

Com isso o mapa se tornou apenas uma ferramenta com uso limitado nas aulas, tanto de Geografia, quanto de Cartografia. Por um lado os professores restringiam seu uso, apenas de maneira essencialmente subjetiva sem correlacionar as informações contidas com a realidade vivida e sem respeitar o desenvolvimento cognitivo dos alunos, por outro lado os alunos não tinham a verdadeira noção sobre a aplicabilidade que o uso dos mapas poderia ter

em suas vidas. Considerando o problema didático no uso dos mapas Oliveira (2010), comenta:

Parece que o problema didático do mapa está no fato de o professor utilizá-lo como um recurso visual, com o objetivo de ilustrar e mesmo “concretizar” a realidade; ele recorre ao mapa, que já é uma representação e uma abstração em alto grau do mundo real. Ao apresentar o mapa ao aluno, o professor geralmente não considera o desenvolvimento mental da criança, especialmente em termo de construção do espaço. (p.18)

Para que os educadores possam desenvolver uma metodologia que una a Cartografia com a realidade observada e vivida é de essencial importância que seja apontado a verdadeira função da Cartografia escolar e conseqüentemente dos mapas. Sendo uma forma de comunicação que tem como intuito a representação de uma porção da superfície terrestre a fim de facilitar o deslocamento, orientação e leitura do referido espaço representado. Castrogiovanni (2001) ressalta a melhor maneira de se trabalhar com os mapas em sala de aula:

A ação para que o aluno possa entender a linguagem cartográfica não está em colorir ou copiar contornos, mas em construir representações a partir do real próximo ou distante. Somente acompanhado e executado cada passo do processo, pode-se familiarizar com a linguagem cartográfica. (p.35)

O professor ao trabalhar os recursos cartográficos em sala, não pode apenas centralizar seus esforços na reprodução e decodificação de mapas previamente prontos, mas buscar desenvolver um senso espacial mais apurado, transformando os alunos em verdadeiros leitores e mapeadores, capazes de entender e tirar suas próprias considerações a partir da produção cartográfica escolar, “Iniciando o aluno em sua tarefa de mapear, estamos, portanto, mostrando os caminhos para que se torne consciente da linguagem cartográfica” (ALMEIDA & PASSINI, 2010, p.21).

O aluno nesta perspectiva de ensino tem a oportunidade de transformar os conteúdos vistos aos conhecimentos relacionados com sua vida, desenvolvendo com isso um elo entre a escola e seu cotidiano. Neste contexto de uma abordagem do estudo da Cartografia atrelada à percepção que os alunos têm do seu lugar, mostra-se enriquecedor o uso dos mapas mentais como um recurso que integra tanto os elementos cartográficos quanto a percepção que os alunos tem do arranjo espacial do seu lugar vivido.

2. OS MAPAS MENTAIS E A REPRESENTAÇÃO DO MUNDO VIVIDO DOS ALUNOS

2.1. O Estudo do Lugar e a Percepção do Espaço

Partindo de uma visão mais global da Geografia para se inserir na análise do espaço vivido, aparece o lugar como categoria analítica, a fim de trazer para os estudos sobre as dinâmicas travadas entre sociedade e natureza um viés mais particular a uma determinada sociedade. “Ao construírem seus lugares, os homens constroem, também, representações sobre eles. Seu nível de permanência na vivência das coisas, nas relações com as pessoas, vai definindo sua aderência a esses lugares”. (BRASIL, 2001, p. 59).

O estudo da percepção ambiental de um determinado grupo de pessoas se mostra relevante, no que diz respeito em conhecer o modo como os indivíduos se relacionam com o lugar de vivência, Tuan (1980) aborda diversos aspectos como percepção, valores, atitudes que estão relacionados com a forma de perceber o mundo vivido. Cada grupo humano apresenta variações em perceber o espaço, essas diferenças sensoriais são influenciadas tanto pelo fator biológico quanto pela cultura, poder aquisitivo e lugar de vivência do indivíduo.

Tuan (1980) ao abordar a relação entre as pessoas e os lugares explica que a topofilia se refere às influências que o ambiente com seus símbolos e cheios de estímulos sensoriais é capaz de despertar laços afetivos entre o lugar e o indivíduo. E que ao evidenciar o lugar, é necessário abordá-lo como um lócus que apresenta características particulares, sendo suas características o resultado da forma como seus habitantes se relacionam com seu ambiente próximo e também das forças externas.

Com o lugar o enfoque passa de uma forma mais geral, para se situar de maneira particular, se tornando relevante para a compreensão do modo como cada sociedade percebe e produz um determinado espaço. Tem-se, portanto uma análise que parte do local (lugar) para o global, revelando como as dinâmicas no contexto mais geral influenciam as populações em nível local. Callai (2000) explicita a dependência dos lugares como produto da soma das relações sociais, inseridas no espaço.

Estudar e compreender o lugar, em Geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais e humanas. Muitas vezes as explicitações podem estar fora, sendo necessário buscar motivos tanto internos quanto externos para se compreender o que acontece em cada lugar. (CALLAI, p.86)

O lugar como categoria de análise do espaço, traz para o ensino de Geografia subsídios que auxiliam o professor a relacionar o conteúdo trabalhado em sala, isto contribui para que as experiências vivenciadas pelos estudantes na comunidade possam fazer parte das discussões. Este conceito geográfico permite fazer pontes com diversos conteúdos escolares, além de situar o aluno como sujeito ativo do processo ensino-aprendizagem, como ressalta Cavalcanti (2008):

A primeira idéia associada a lugar que tem sido trabalhada no ensino e que pode estar associada a uma representação social desse conceito é a de um ponto no espaço, ou seja, quando se fala em lugar, pensamos imediatamente em um local. Esse elemento do espaço está relacionado a outros mais específicos da localização e da orientação espacial, [...]. Mas a consideração desse elemento do conceito, que se refere a “onde” está o objeto/fenômeno estudado, leva a outros que têm a ver com referências mais subjetivas dos lugares e mais próprias da experiência vivida no cotidiano, como os de familiaridade, de subjetividade, de identidade. (CAVALCANTI, p. 50)

No contexto atual, busca-se no ensino este olhar direcionado à percepção que os jovens têm de seu universo presenciado. O ensino de Geografia assume um papel relevante na busca desta familiaridade para os conteúdos escolares, com o intuito de se trabalhar o cotidiano dos alunos atrelado com fatos presenciados globalmente, trazendo para o ensino uma forma de valorizar e preservar as particularidades que cada lugar apresenta.

Entendendo a importância do estudo da percepção espacial para o ensino, este aparece como um recurso que estimula as experiências individuais dos alunos, além disso, contribui para que seja trabalhado alguns aspectos sensoriais, já que o lado perceptivo não é bem usado pela maioria das pessoas como afirma Tuan (1980), “Os seres humanos estão biologicamente bem equipados para registrar uma grande variedade de estímulos ambientais. A maioria das pessoas durante suas vidas fazem pouco uso de seus poderes perceptivos”. (p.284). Este estímulo se torna essencial para a compreensão das configurações espaciais pelos alunos, auxiliando a entender e melhor atuar no seu ambiente vivido.

2.2 O Mapa mental como recurso didático no ensino de Geografia

A análise da percepção do lugar vivido através dos estudos sobre os mapas mentais surgem na França, atrelado a fenomenologia. Primeiramente denominado de cartas mentais, teve seu maior detalhamento através dos estudos realizados por Yi-Fu Tuan, Kelvin Lynch entre outros. No Brasil este recurso didático aparece denominado de mapas mentais, com maior riqueza de detalhes através dos estudos de Nogueira (1994).

Os mapas mentais são representações espontâneas do mundo vivido, tomando como base a percepção que cada um tem do ambiente experienciado, “As cartas mentais são instrumentos eficazes para compreender os valores que os indivíduos atribuem aos diferentes lugares”. (PONTUSCHKA, 2009, p.314). Seja sob a denominação de cartas ou mapas, este recurso didático se direciona para a mesma finalidade, auxiliar os professores na compreensão da percepção dos alunos e também de inserir nas aulas de Geografia um olhar particular dos jovens, como complementa Archela (ET AL, 2011):

O mapa mental permite observar se o aluno tem a percepção efetiva da ocorrência do fenômeno no espaço e condições de transpor essa informação para o papel. Através dessa atividade, ele trabalha com todos os elementos essenciais da Cartografia quanto a sua forma de expressão, através da linguagem gráfica. (ARCHELA, p.140)

A partir das representações dos alunos pode-se evidenciar o lugar onde são travadas as relações sociais e ambientais presenciadas e produzidas na comunidade, além de poder fazer correlações das dinâmicas da comunidade com as dinâmicas no contexto mais geral. De acordo com Richter (2011), os mapas mentais ajudam os professores a levarem os alunos a desenvolverem concepções críticas e leituras do lugar mais aprofundadas:

Assim, o uso dos mapas mentais nas atividades escolares abre possibilidade para que o professor de Geografia observe e reconheça como os estudantes integram a realidade e os elementos do cotidiano com os conteúdos científicos, a partir de diferentes escalas geográficas, e identifique suas leituras e interpretações do espaço. (RICHTER, p.135)

O uso do Mapa mental como suporte didático nas aulas de Geografia pode ser considerado como uma ferramenta que os professores dispõem para conhecer e também para poder trabalhar o meio vivido dos alunos. Tendo a oportunidade de relacionar os conteúdos vistos em especial de Cartografia com as experiências cotidianas dos alunos.

Sabendo que o espaço geográfico é constituído de símbolos tanto artificiais quanto naturais, torna-se relevante uma análise que prime pela percepção dos alunos de seu ambiente próximo. Uma cartografia inserida na realidade dos alunos torna-se imprescindível contribuindo assim para que os alunos percebam seu espaço vivido como um lócus repleto de símbolos e significados particulares.

Os símbolos desempenham uma importante contribuição na forma de como a sociedade atribui sentido ao ambiente vivido, assume características diferenciadas para cada grupo humano seja na forma de representá-los ou na forma de atribuí-los significados, “Assim o símbolo, um produto cultural supraorgânico, está intimamente ligado às experiências orgânicas corporais em seus estágios iniciais.” (TUAN, 1980, p.29). Ao construírem os mapas

mentais os alunos estarão representando os símbolos e atribuindo significados aos objetos por eles vivenciados.

Ao considerar o uso dos símbolos nas aulas de Cartografia torna-se relevante trazer a subjetividade das diversas visões de mundo, cabe ao educador buscar os principais recursos que auxiliem no desenvolvimento de uma melhor didática, direcionada a transformação dos alunos em sujeitos que fazem parte na construção do conhecimento. O mapa mental pode ser considerado sob uma ótica de transpor o conteúdo estático, visto no livro didático, para o mundo real dos jovens, já que serão trabalhados a representação e o que cada aluno visualiza do seu lugar.

Para que um mapa possa cumprir sua tarefa, os alunos devem aprender a sua leitura. Para tal é necessário, além do domínio das técnicas de representação, da linguagem específica cartográfica, uma sensibilidade geográfica [...]. A vivência com os mapas deve ser vista como uma possibilidade admirável de comunicação. (CASTROGIOVANNI, 2001, p.31)

Este recurso didático apresenta-se como um elemento que a Geografia dispõe para se fazer compreender as relações travadas no contexto local, pois o ensino atual busca trazer a percepção de cada aluno para fazer parte do cotidiano escolar. No que diz respeito a Geografia, se observa que esta na atualidade se aproxima de uma didática onde ocorre uma integração entre o saber cotidiano do aluno com o conteúdo científico visto nos livros, com isso é necessário que se tenha em sala de aula esta relação como Richter (2011) confirma:

[...], os mapas mentais apresentam uma contribuição significativa para o desenvolvimento do ensino de Geografia, por estabelecer o contato entre os contextos de vivência (a realidade, o lugar em que o indivíduo está inserido – sendo este produto e processo da relação local – global) com os conteúdos da Geografia, que buscam explicar os fenômenos e as práticas sociais. Dessa forma, podemos conhecer que o raciocínio geográfico refere-se à compreensão da realidade a partir da perspectiva espacial. (RICHTER, p. 133-134).

A Cartografia tem como finalidade primordial proporcionar que o aluno se torne capaz de fazer uma leitura de mapas, correlacionado com outros e com a realidade, além de transformá-lo em um mapeador consciente, não apenas reproduzindo o que já foi representado.

Nas aulas de Cartografia onde o aluno irá trabalhar com mapas, é necessário que ocorra um estímulo para que os alunos façam parte da construção do mapa. Através da representação do seu espaço vivido, os mapas mentais, os professores podem mostrar a verdadeira finalidade do uso dos mapas na vida dos alunos, além de auxiliá-los numa leitura e confecção destes, proporcionando uma alfabetização cartográfica. Richter (2011), reitera as contribuições que os mapas mentais podem trazer para a Geografia:

[...], os mapas mentais produzidos devem fazer parte das aulas de Geografia, a partir de atividades de leitura que explorem e interpretem as informações contidas nessas representações. Nesse caso, nem só o professor de Geografia pode se tornar o usuário final desses esboços cartográficos os próprios alunos da classe colaboram para questionar, analisar e refletir sobre o mapa. (RICHTER, p.160-161)

O uso dos mapas mentais em junção com uma Cartografia que prime por uma leitura crítica dos mapas, atrelado a percepção que os alunos têm dos lugares vividos, contribui para o distanciamento entre o ensino tradicional e a Geografia. Visto que na atualidade não basta apenas entender os conceitos geográficos, mas saber empregá-los sempre que necessário for.

O uso do mapa mental como recurso didático, dessa forma, pode ser empregado com diversos objetivos no ensino, aparecendo como um elo entre a cartografia escolar e o estudo do lugar. Contribuindo para que a percepção do espaço vivido seja evidenciado em sala, com isso o universo dos alunos passa a ser valorizado, pois ao explicitar as características de cada comunidade onde se localiza os estudantes, a Geografia tem o poder de buscar em cada olhar um conhecimento que pode se tornar fundamental para a construção de um ensino que valorize as diferenças presenciadas no ambiente escolar.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de campo ocorreu entre os meses de setembro e outubro do corrente ano; a pesquisa foi dividida em várias etapas de cunho técnico e didático. Os resultados da pesquisa foram utilizados em aulas durante uma semana nas turmas do 6º ano “A” e do 9º ano “A”, ambas no turno matutino, as atividades foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Reitor Edvaldo do Ó, localizada no município de Campina Grande – PB.

A pesquisa baseia-se tanto no método comparativo fundamentado na abordagem quantitativa (aplicação de questionários), quanto na qualitativa. A importância do uso do método comparativo torna-se fundamental, se apoiando em Theml & Bustamante (2007), que afirmam que a análise comparativa nas pesquisas desempenha um importante papel na compreensão dos fenômenos sociais, podendo assim se distanciar de um enfoque reducionista se aproximando de uma análise que prime por uma visão mais abrangente do mundo.

Também se relaciona com a fenomenologia, ao propor um ensino de Geografia que leva os alunos a pensarem seu espaço vivido e tentarem representar de acordo com seu olhar, levando em conta a percepção que cada aluno tem do lugar para realizar o trabalho proposto.

As etapas da pesquisa se processaram de maneira semelhante em ambas as turmas, no primeiro momento foi realizada a aplicação dos questionários, para se obter o perfil dos

discentes quanto a faixa etária, dificuldades na disciplina, lugar onde vivem entre outros itens. A aplicação dos questionários é fundamental para o desenvolvimento das atividades em classe, pois, além de evidenciar o perfil dos alunos, norteiam o rumo que será tomado na pesquisa de campo.

Foram aplicados dezessete questionários no 6º ano “A” e 23 questionários no 9º ano “A”. O questionário foi constituído por treze questões, as quatro questões iniciais referentes ao perfil dos alunos e as nove restantes se referiam aos aspectos da percepção e do ensino de Geografia. As perguntas foram formuladas de múltipla escolha com um espaço direcionado a explicação das respostas.

Após a análise das respostas obtidas a partir dos questionários, permitiu-se traçar a melhor forma de prosseguir as atividades, com a finalidade de diminuir as carências e dificuldades da turma por parte dos conteúdos cartográficos e também da forma como estes percebem os diversos espaços da cidade.

Inicialmente houve o desenvolvimento de aulas em ambas as turmas com a finalidade de minimizar as carências apresentadas no questionário, ocorreram de forma que os alunos puderam adquirir uma base dos conceitos geográficos auxiliando de maneira esperada os trabalhos propostos. Os conteúdos da aula foram semelhantes para as duas turmas e se relacionaram com as perguntas dos questionários abordando conteúdos como: a paisagem, lugar e os mapas mentais.

Os alunos de ambas as turmas apresentaram dificuldades ao responderem o questionário, por isso à aula ministrada se fez importante como parte fundamental da pesquisa. Com o intuito de estabelecer uma relação com o conteúdo trabalhado e não só trabalhar de forma prática, mas trazer para os alunos alguns conceitos importantes que fazem parte da Geografia, favorecendo a união entre a teoria e a prática.

Após as aulas teóricas partiu-se para o início da representação do Mapa Mental, com a finalidade de analisar a percepção que os alunos tinham do espaço vivido a partir de cada representação. Para a execução da atividade foi distribuído para cada aluno uma folha de papel A4 que continha apenas a identificação da turma, o tempo para execução do mapa foi de uma hora aula. Para não dificultar o desenvolvimento da pesquisa, foram analisados os quarenta mapas mentais produzidos pelos próprios alunos.

Além dos procedimentos já elencados, efetuou-se ainda o registro fotográfico tanto do ambiente físico da escola e salas, quanto no momento de atividade em classe. Atrelado as atividades ocorridas em campo se desenvolveu uma pesquisa teórica com a finalidade de

haver uma relação entre a realidade acompanhada em campo e os conceitos e instruções vistos na teoria, com o intuito de auxiliar a análise por parte do pesquisador e para fundamentar os trabalhos realizados.

4. DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DA PESQUISA

4.1. Caracterização do Universo da Pesquisa

O município de Campina Grande se localiza no Planalto da Borborema, no Agreste Paraibano. Com uma altitude média de 551m de altitude, “O clima é do tipo Tropical Chuvoso, com verão seco. A estação chuvosa se inicia em janeiro/fevereiro com término em setembro, podendo se adiantar até Outubro”. (MASCARENHAS Et Al, 2005, p.04). A sua posição geográfica se localiza na porção Oriental do Nordeste, com coordenadas 7° 13’ 50’’ S e 35° 52’ 52’’ O. Distante da Capital do Estado aproximadamente 112 km, o acesso a cidade pode ser feita pela BR- 104.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Reitor Edvaldo do Ó, é o lócus da pesquisa, fundada no dia 23 de Janeiro no ano de 2003, tendo suas aulas iniciadas no mesmo ano. Localizada na Rua Isolda Barros Torquato, no Bairro de Bodocongó, Campina Grande-PB, a 15 minutos do centro. O nome da Escola é uma homenagem ao professor Edvaldo Sousa do Ó, que foi reitor da FURNE, atualmente UEPB. Sua primeira turma concluinte foi composta em 2003.

A escola é provida de uma estrutura física modesta, composta por 08 salas de aula, auditório, sala de computação, biblioteca, sala de professores, diretoria, secretaria. Funciona em três turnos, no turno matutino, trabalham 13 professores das diversas disciplinas, funcionam também dois projetos federais: Mais Educação e a Escola Aberta. A escola ainda preserva a fachada da sua fundação, como se pode ver na figura a seguir:



Figura 01: Vista da fachada da Escola E.E.F. Reitor Edvaldo.
Fonte: SILVA, Edilson dos Santos. Outubro de 2014.

Em média 200 alunos estudam no turno matutino, distribuídos entre as séries do 6º ao 9º ano do ensino Fundamental. As turmas que integram a pesquisa são a do 6º ano “A” manhã e a turma do 9º ano “A” manhã, buscando uma comparação entre os alunos que estão iniciando o ensino fundamental e outra que está encerrando.

4.2. Resultados e Discussões

4.2.1. A Percepção Ambiental: olhares a partir do Lugar vivido

Com o intuito de haver uma compreensão mais particular de como os alunos percebem seu lugar vivido e se relacionam com os espaços da cidade, atrelou-se a pesquisa a aplicação de um questionário, composto de duas partes, a primeira relacionava-se com o perfil dos alunos, a faixa etária e a área onde residem os alunos. Na segunda parte houve a união entre perguntas sobre o lugar e sobre os mapas mentais.

Foram aplicados 40 questionários em ambas as turmas, no 6º ano 17 alunos responderam, correspondendo 77% do total da turma, dentre estes 52.9% eram do sexo feminino e 47.1% do sexo masculino, a média de idade da turma é de 12,5 anos. No 9º ano 23 alunos participaram correspondendo 72% da turma, 52,2% eram do sexo feminino e 47.8% do sexo masculino, a média de idade da turma é de 15 anos.

A segunda parte do questionário se referia principalmente sobre a percepção dos alunos em relação ao seu lugar e sobre os mapas mentais. Ao trabalhar os mapas mentais é necessário trazer para as discussões em sala a percepção que os alunos têm da paisagem, pois ao representar um determinado lugar os alunos tem que fazer uso dos elementos que estes percebem no espaço vivido, em consonância com isso pediu-se que os alunos citassem os

lugares da cidade de Campina Grande que chamam mais a atenção, como se verifica nas figuras abaixo:

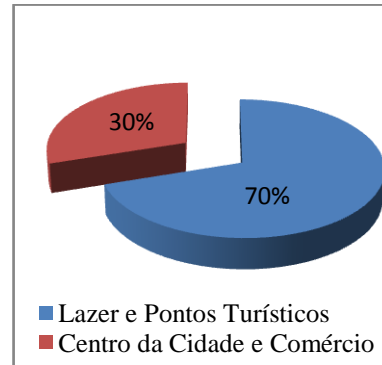
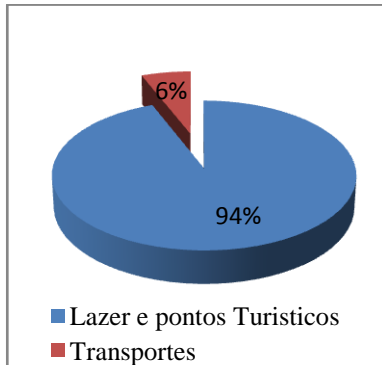


Figura 02: lugares citados pelos alunos do 6º ano “A”. **Figura 03:** lugares citados pelos alunos do 9º ano “A”.

Fonte: SILVA, Edilson dos Santos. Pesquisa de Campo. Outubro de 2014.

Para uma melhor compreensão das respostas obtidas estas foram divididas em grupos unindo os elementos relacionados em locais de mesma função que mais apareceram. Como se ver na figura os locais mais citados em ambas as turmas foram os relacionados às atividades de lazer e turismo, entre os ambientes mais citados estão: o Parque da Criança, Açude Velho, Parque do Povo. Os citados com menos frequência foram os relacionados ao comércio e transportes como: Shopping, Integração, lojas do centro.

Ao analisar tais respostas se percebe que todos os locais citados pelos alunos são ambientes onde se desenvolve relações sociais de grupos, onde a afetividade com estes lugares se desenvolve basicamente com a interação entre as pessoas, e que estas áreas são provavelmente pontos de encontro destes alunos. Tais locais se relacionam com as respostas sobre as principais atividades realizadas pelos alunos nos ambientes públicos da cidade, 64,7% dos alunos do 6º ano e 82,7% do 9º ano responderam atividades que são realizadas em grupos nas áreas citadas no item anterior ou na própria rua do aluno, entre as respostas destacam-se as seguintes: passear, conversar, fazer compras, brincar, jogar bola, brincar.

Em seguida se questionou sobre a percepção que os alunos têm do bairro de vivência sob um aspecto mais geral, pediu-se para que os alunos descrevessem algumas características do bairro que eles moram, com o intuito de haver uma análise sobre a relação destes com os lugares próximos a rua onde se localiza a sua residência. As características que mais foram citadas estão descritas nas figuras abaixo:

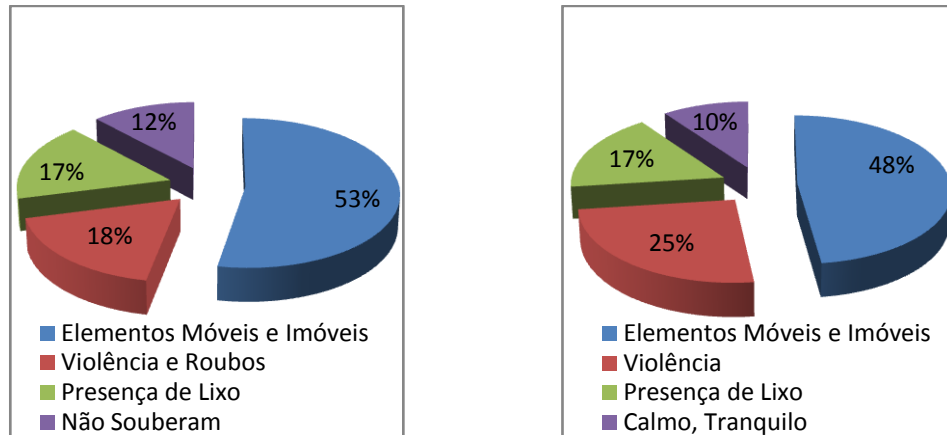


Figura 04: Características descritas pelos alunos do 6º ano "A". **Figura 05:** Características descritas pelos alunos do 9º ano "A".

Fonte: SILVA, Edilson dos Santos. Pesquisa de Campo. Outubro de 2014.

A partir dos dados dos gráficos acima se percebe que a grande maioria dos alunos de ambas as turmas relacionaram as características do bairro com a presença de elementos móveis e imóveis, citaram a presença de escolas, universidades, lojas, campos de futebol, carros e casas nas ruas do bairro, tais respostas se relaciona com as características da infraestrutura presente no bairro dos alunos.

Em seguida aparecem às questões relacionadas com a violência presenciada no bairro, os alunos citaram: roubos e locais perigosos. Por fim foram citados problemas vistos nas ruas, relacionados a presença de lixo, animais e buracos, sendo uma constante nos bairro de menor poder aquisitivo, as características citadas refletem a situação social e o local em que vivem os alunos onde os problemas relatados são acompanhados pela maiorias dos habitantes da cidade.

Após as perguntas sobre a percepção houve um enfoque no questionário sobre o entendimento dos alunos sobre os mapas presentes nos livros didáticos e sobre os mapas mentais. Inicialmente houve o questionamento se os alunos entendem o que está representado nos mapas dos livros de Geografia, com o objetivo de medir a familiaridade que estes têm com os mapas e os símbolos contidos neles, visto que este recurso é o principal meio que a Geografia dispõe de explicar como os fenômenos se distribuem no espaço.

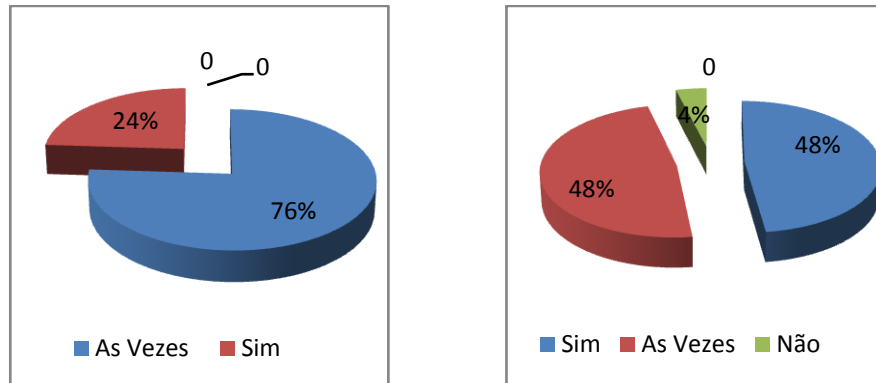


Figura 06: O entendimento sobre os mapas, 6º ano “A”. **Figura 07:** O entendimento sobre os mapas, 9º ano “A”.

Fonte: SILVA, Edilson dos Santos. Pesquisa de Campo. Outubro de 2014.

Em relação aos alunos do 6º ano “A” se observa que a maior parte da turma apresenta alguma dificuldade de leitura das informações contidas nos mapas, este problema pode se justificar pela pouca experiência que estes têm em trabalhar com esta ferramenta, visto que estes estão apenas iniciando o estudo dos conteúdos cartográficos. Na turma do 9º ano o resultado foi um pouco diferente, a maioria respondeu que sim, entendem as informações, outra grande parcela respondeu que apenas às vezes compreendem o que está representado nos mapas.

Sobre o estudo do lugar nas aulas de Geografia perguntou se o espaço vivido já foi trabalhado e representado durante as aulas, visto que para tornar o conteúdo significado é necessário uma aproximação destes com os ambientes vividos dos alunos, se tornando inviável trabalhar a concepção de lugar e de mapa sem que haja uma ligação com as experiências cotidianas dos alunos com os espaços da cidade.

	6º ANO “A”	9º ANO “A”
SIM	58,8%	30,0%
NÃO	41,2%	70%

Quadro 01: Se o espaço da rua ou do bairro dos alunos já foi representado em sala?

Fonte: SILVA, Edilson dos Santos. Pesquisa de Campo. Outubro de 2014.

Em ambas as turmas houve uma grande diferença de respostas, no 6º ano há um equilíbrio das respostas onde a maioria dos alunos já tiveram a oportunidade de trazer para sala de aula suas experiências do lugar vivido. No 9º ano a situação é inversa os 70% dos

alunos afirmaram que nunca houve esta relação entre o conteúdo o lugar vivido nas aulas de geografia, esta situação apenas fortalece o distanciamento da disciplina com o mundo vivido dos alunos.

No que diz respeito ao ensino atual existe a necessidade que o aluno cada vez mais se torne protagonista e se aproprie de forma plena dos conhecimentos escolares, sendo que uma das formas de alcançar esta meta é trazer para as discussões em sala os diversos olhares que os alunos captam do mundo. Por fim se questionou sobre o entendimento dos alunos sobre o mapa mental, tal pergunta objetiva saber se a turma já conhece esta ferramenta ou se já foi trabalhado mapa mental nas series anteriores.

O ENTENDIMENTO DAS TURMAS SOBRE O MAPA MENTAL		
	6º ANO "A"	9º ANO "A"
Souberam Responder	11,7%	34,8%
Não Souberam	58,9%	48%
Não Responderam	29,4%	17,2%
Total	100%	100%

Quadro 02: compreensão de ambas as turmas sobre os mapas mentais.

Fonte: SILVA, Edilson dos Santos. Pesquisa de Campo. Outubro de 2014.

A maior parte dos alunos não soube responder o que seria um mapa mental, pode-se entender que estes nunca tiveram contato com esta ferramenta didática por isso não sabem seu significado nem sua finalidade na disciplina. A Minoria dos alunos soube dizer o que é um mapa mental, sendo que a maior porcentagem de quem acertou foi da turma do 9º ano, dentre as respostas corretas destaca-se algumas abaixo:

“Habilidade de criar uma imagem sem precisar de um material que informe”, aluno de 14 anos, 9º ano. “Um mapa ou um caminho que você já tem decorado na sua mente e nunca esquece.”, aluno de 16 anos, 9º ano. “É um caminho que você imagina na sua mente”, aluna, 11 anos, 6º ano “A”.

A partir dos resultados do questionário constata-se que o mapa mental será trabalhado pela primeira vez para a maioria dos alunos, sendo com isso a percepção de cada um poderá ser evidenciada em sala. O questionário tem como relevância compreender o modo como os alunos atuam em diversos espaços da cidade, buscando o olhar particular de cada um para auxiliar no entendimento de como estes se relacionam com o lugar vivido.

4.2.2. As Relações Espaciais na Cartografia

Ao analisar a forma como os alunos representaram seu espaço vivido a partir da sua percepção, é importante que se tome como base concepções que integrem tanto questões da percepção que os alunos têm da configuração do espaço, como o processo de compreensão e construção dos mapas. Portanto esta análise toma como base as teorias da análise do espaço desenvolvidas por Piaget que influenciou o ensino de Geografia como as noções topológicas, projetivas e euclidianas.

De acordo com Richter (2011), as noções topológicas aparecem mais cedo na criança e se caracterizam pela capacidade que o aluno tem de situar os elementos do espaço, ou seja, refere-se ao lugar dos objetos está ligada a noção de continuidade e ao princípio de localização na Cartografia. Mais tarde se desenvolve as noções projetivas e euclidianas que se caracteriza pela forma como os elementos são representados, resultado da perspectiva do indivíduo e também a capacidade que este tem de fazer a localização precisa dos elementos a partir de coordenadas. Nos mapas mentais estas noções aparecem de forma simultânea e podem ser observada a partir das representações das formas horizontais ou verticais, frente e trás, esquerda e direita.

Tais concepções apresentadas são fundamentais ao ensino da Cartografia, pois apontam o estágio de desenvolvimento perceptivo e representativo que a criança se encontra. Os mapas são representações e se baseiam em uma perspectiva do indivíduo, por isso que é preciso levar em conta não apenas o real observado, mas a capacidade de abstração que a criança apresenta ao transpor o real para o papel.

4.3. A Aplicação do Estudo: a análise dos mapas mentais

A atividade de produção dos mapas mentais foi aplicada em ambas as turmas, 6º ano “A” e 9º ano “A”, com a finalidade de verificar como os alunos percebem o espaço vivenciado e a forma como estes representam os elementos. A atividade ocorreu em duas aulas, com a duração de 90 minutos para ambas as turmas. Foram distribuídas folhas de papel de formato A4 que continham a identificação da turma, no verso o espaço em branco destinado a representação. Não foi exigido nenhum material específico para a atividade,

apenas os materiais dos próprios discentes como: lápis grafite, caneta azul ou preta, borracha e lápis de cor, todos terminaram a representação no tempo previsto.

Foram produzidos 17 mapas no 6º ano e 23 no 9º ano, ao todo foram 40 mapas mentais nas duas turmas, as representações foram divididas em critérios específicos para uma melhor compreensão. Na turma do 6º ano 77% dos alunos participaram das atividades de elaboração dos mapas mentais, em relação ao 9º ano o número foi um pouco menor 69% da turma.

Os critérios foram definidos com base no que foi representado a partir dos elementos presentes em cada mapa mental. Os mapas de ambas as turmas seguem certa regularidade representativa, daí a opção por selecionar apenas alguns de maior destaque. Para facilitar a análise foram divididos por turmas e separados de acordo com as características apresentadas na imagem.

Alia-se a análise mais cartográfica um enfoque na percepção que cada aluno tem do seu ambiente vivido, a partir disto toma-se como referência para a compreensão dos mapas mentais as orientações baseadas em Kozel (2007): 1- A interpretação dos elementos da imagem e sua distribuição se estão isolado, agrupados, horizontais ou verticais, em perspectiva; 2- Interpretação em relação aos ícones: (paisagem natural; paisagem construída; elementos móveis e imóveis; elementos humanos). Se junta a isto a análise do local escolhido pelo aluno para a representação do mapa mental, a etapa busca compreender a relação de afetividade que os alunos têm com o lugar vivido.

Inicialmente foi exigido para o desenvolvimento da atividade de elaboração do mapa mental que os alunos priorizassem a representação de um local da cidade de Campina Grande que chamasse a atenção, seja por um fator negativo ou positivo e que em seguida o aluno justificasse a sua representação no verso da folha, como se verifica no ato da representação abaixo:

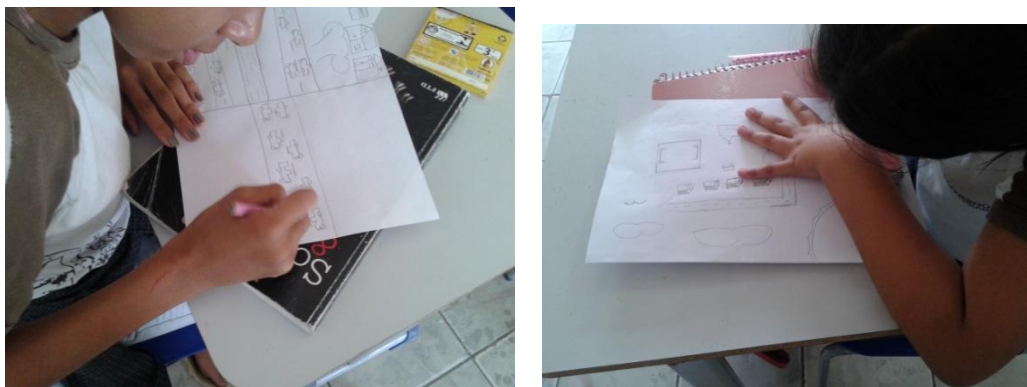


Figura 08: Alunos do 9º ano na elaboração dos mapas mentais.

Fonte: SILVA, Edilson dos Santos. Pesquisa de Campo. Outubro de 2014.



Figura 09: Alunos do 6º ano na elaboração dos mapas mentais.

Fonte: SILVA, Edilson dos Santos. Pesquisa de Campo. Outubro de 2014.

Ao analisar os diversos mapas mentais dos alunos verificou-se certa regularidade quanto aos locais escolhidos para as representações em ambas as turmas. Para uma melhor compreensão dos dados, os mapas foram divididos em categorias de representação, com o intuito de haver uma comparação das turmas, como se pode verificar no quadro abaixo:

LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO DOS MAPAS MENTAIS		
	6º ANO	9º ANO
Rua do Aluno	76%	73%
Rua da Escola	12%	8,8%
Áreas de Lazer e Turismo	12%	18,2%
Total	100%	100%

Quadro 03: principais locais da cidade que apareceram nas representações.

Fonte: SILVA, Edilson dos Santos. Pesquisa de Campo. Outubro de 2014.

Como se vê na tabela o local que foi mais escolhido pelos alunos foi a rua da residência seguido de áreas de lazer e turismo e a rua da escola, pode-se perceber que os locais que mais despertam interesse nos mesmos são justamente as áreas que estes frequentam de maneira mais intensa como sua rua, pois os locais da cidade se tornam próximos e despertam interesse nos indivíduos pela vida cotidiana. Observa-se que estes locais são carregados de significados e experiências vividas positivamente, já que os lugares representados são onde se desenvolve principalmente as relações sociais e afetivas dos alunos.

4.3.1. Os Mapas Mentais e as Diversas Percepções da Cidade

Com o intuito de haver uma compreensão da forma de desenho dos mapas pelos alunos, inicia-se a análise verificando a maneira que os elementos estão representados e o tipo de ícones presentes. A figura abaixo é um exemplo de representação da rua de um aluno, onde este demonstra conhecimento dos elementos presentes no lugar:



Figura 10: Mapa mental da rua de um aluno, 9º ano “A”, 2014. Representação vertical de forma plana, evidenciando o conhecimento das características presentes no lugar.

Ao analisar as características do mapa acima se verifica que o aluno tem grande conhecimento do lugar escolhido para representação, inicialmente se percebe que se trata de uma área residencial, se vê a disposição das casas e área verde, os traçados do bairro organizado em quadras, porém vazios de grupos humanos. Nota-se um caráter formal e sistematizado dos elementos, o aluno destacou no mapa as vias de circulação, com ruas e o sentido do acesso (setas), outro ícone que se destaca são os elementos móveis, que são os carros.

O exemplo a seguir figura 11, mostra uma representação em uma perspectiva diferente da cidade, com menos riqueza de detalhes, mas apresenta a paisagem urbana a partir de uma ótica mais calma, com paisagem bucólica se assemelhando com as áreas rurais.

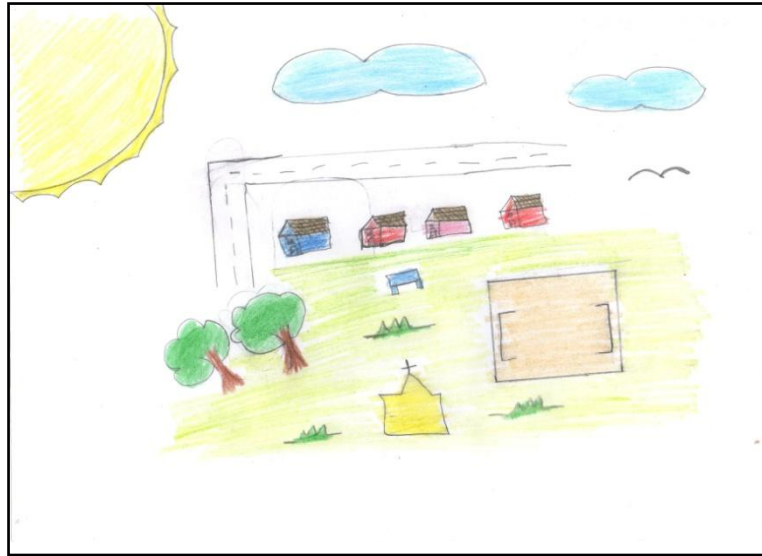


Figura 11: Mapa mental da rua de uma aluna, 6º ano “A”, 2014. Representação de forma frontal, com poucos detalhes das características da paisagem e dispostos de forma irregular e vazia de grupos humanos.

Ao observar o mapa acima se verifica que o aluno representou sua rua de maneira fragmentada, ou seja, os elementos presentes não tem uma continuidade na sua organização. A via de circulação (rua) foi representada de forma parcial sem qualquer outro elemento unindo-os, aparece também uma igreja, símbolo relacionado à religiosidade no cotidiano do bairro, também aparece o campo de futebol.

Pode-se compreender que apesar dos poucos detalhes expressos no mapa mental, o aluno selecionou os elementos da paisagem que este mais frequenta ou chama sua atenção, com elementos simbólicos do lugar como o local de lazer (campo de futebol) e a religião familiar (igreja). O sol representa o ideal de acolhimento, local propício a brincadeiras. Se contrapondo com o mapa anterior o aluno representou sua rua com uma visão mais abrangente do lugar, o espaço carregado de grupos humanos e elementos construídos, acompanhados na figura abaixo:

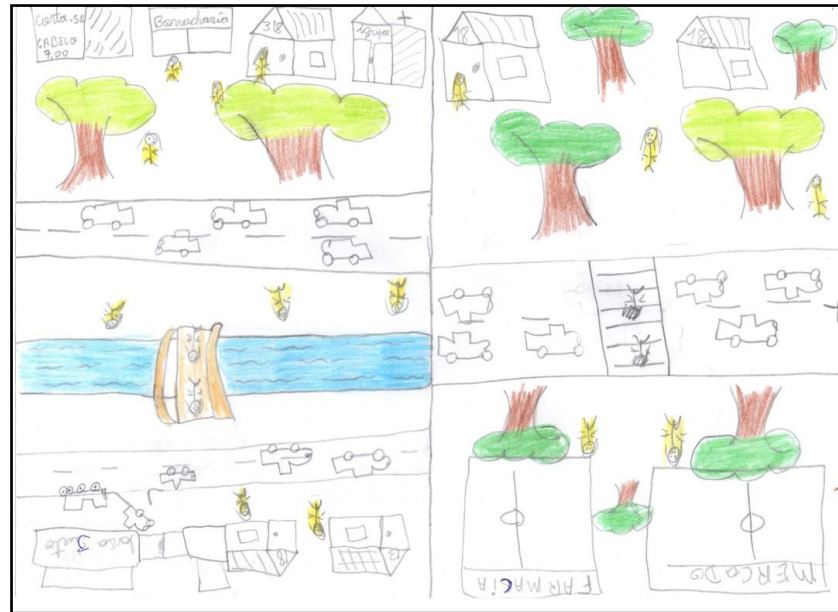


Figura 12: Mapa mental da rua de uma aluna, 6º ano “A”, 2014. Representação de forma vertical, presença de elementos humanos, elementos móveis, elementos naturais e comercio.

Com uma riqueza de detalhes este mapa expressa diversos elementos da paisagem construída. Aparece na paisagem inúmeros elementos móveis, os carros sempre presentes no cotidiano do bairro. Também nota-se uma organização inerente à vida social do lugar, como a faixa de pedestre (organizando a mobilidade), a ponte ligando as ruas.

A aluna representou os pontos de comércio: lava jato, farmácia, mercado, borracharia, isto mostra que o bairro da aluna dispõe de uma infraestrutura e dinâmica comercial. Os grupos humanos foram dispostos de maneira correta, ou seja, as pessoas estão principalmente próximas a locais comerciais e calçadas. O mapa mostra a íntima relação da aluna com o seu lugar, representando com muitos detalhes, evidenciando a organização espacial da paisagem.

As representações mostram os locais que mais apareceram nos mapas mentais que foram as áreas de lazer e atividades turísticas da cidade, como parques e o shopping, sendo que estes foram também o mais citados entre os locais que os alunos frequentam nas horas de lazer com a família e amigos. A seguir tem um exemplo de representação destas áreas da cidade, onde o aluno fez a disposição dos elementos de maneira interligada:

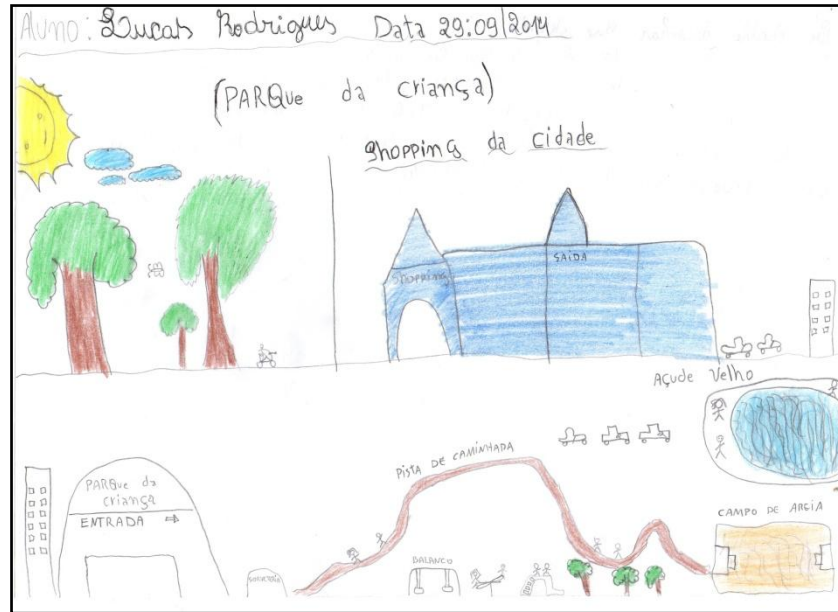


Figura 13: Mapa mental de áreas de lazer e turismo da cidade, 9º ano “A”, 2014. Revela as áreas da cidade que carregam um status de locais privilegiados por sua localização e infraestrutura.

No mapa mental acima, ressalta uma perspectiva da cidade voltada para as práticas sociais em grupo, onde os locais representados são ambientes onde se desenvolvem atividades esportivas, caminhadas e comércio. O bairro turístico despertou no aluno um senso de pertencimento ao lugar, sendo um local acolhedor e propício para o desenvolvimento de atividades ao ar livre. Os elementos móveis foram representados, porém sem uma via de circulação para os carros, aparece no mapa uma via de circulação apenas para os pedestres, ressalta-se assim a finalidade do local direcionado as atividades sociais.

Outra perspectiva da mesma área aparece na figura abaixo, onde o aluno desenhou a entrada do Parque da Criança- área de cidade destinada a pratica de esportes, caminhada e lazer da população – o mapa mental do aluno evidencia os elementos humanos na paisagem.



Figura 14: Mapa mental do Parque da Criança (áreas de lazer da cidade), 9º ano “A”, representado a partir de uma perspectiva frontal. Destacam-se na paisagem os elementos humanos.

O espaço representado traz a ideia de socialização entre os indivíduos, o ambiente favorece a ideia de união entre as pessoas. Os elementos humanos predominam na paisagem, aparecem pessoas em movimento, casal sentado no banco, e em destaque uma família, a representação do lugar neste enfoque ressalta o lugar como ponto de encontro tranquilo voltado ao lazer familiar. Os elementos naturais na imagem como o sol e a árvore evidencia o viés acolhedor do lugar.

Os mapas mentais a seguir figuras 15 e 16, são representações da rua da escola, nas formas oblíqua e vertical, ambos os alunos desenharam o lugar de forma plana, com características formais e sistematizadas, traçado reto e com proporção entre os elementos.

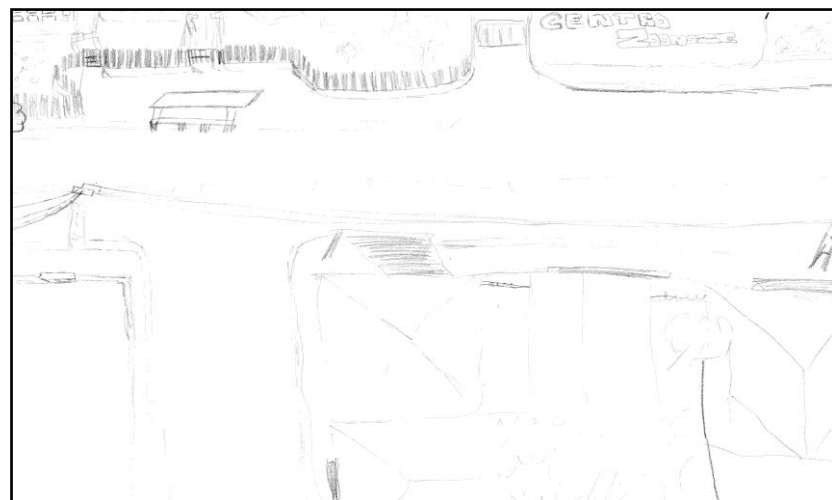


Figura 15: mapa mental da rua da escola, aluno 6º ano, 2014. Representação de forma oblíqua, os elementos passam o senso de profundidade.

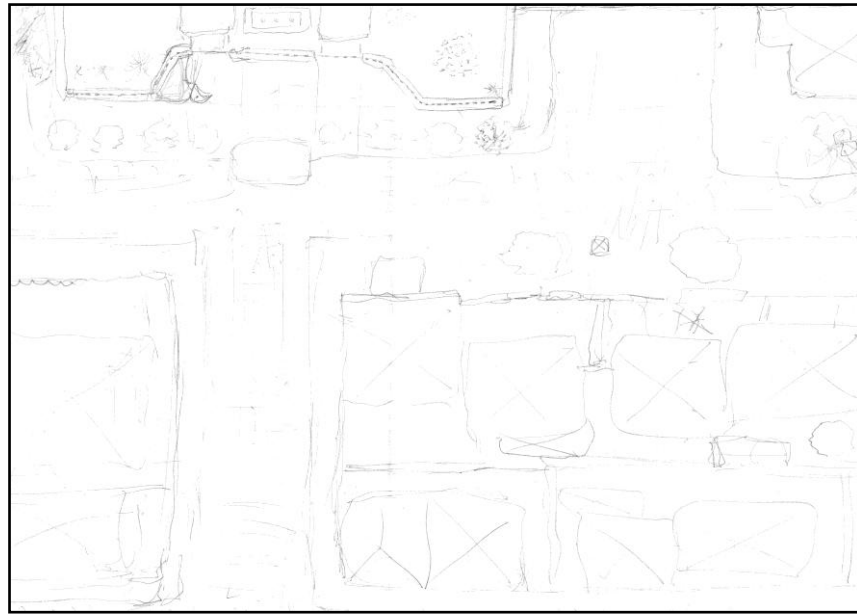


Figura 16: mapa mental da rua da escola, aluno 9º ano, 2014. Representação de forma vertical, com proporção entre os elementos.

Sob a perspectiva da percepção da paisagem os dois apresentam semelhanças, ou seja, a rua onde se localiza a escola foi representada com uma grande riqueza de detalhes, aparece nas imagens às residências, vista do telhado. As ruas foram representadas isentas de elementos moveis como carros e motocicletas, também vazias de grupos humanos. Na primeira representação feita por um aluno do 6º “A”, se destaca a frente da escola, as duas entradas, o ponto de ônibus e ao lado o centro de zoonoses. Na segunda imagem, aluno do 9º ano, além dos elementos citados aparece também elementos naturais como às arvores. Ambos os mapas mentais apresentam semelhanças cartográficas e de percepção da paisagem, compreendendo os elementos como integrados, pois não existe fragmentação do espaço representado.

Se contrapondo aos mapas anteriores a figura 17, a seguir apresenta outra forma de percepção e representação do lugar experiênciado, a aluna do 9º ano “A” apresenta o lugar sob outra perspectiva, unindo as diversas apreensões da paisagem em seu cotidiano.

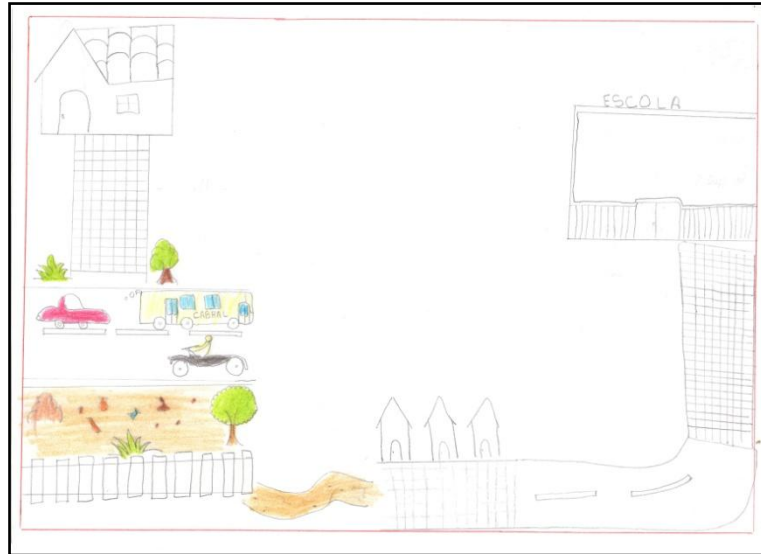


Figura 17: mapa mental do trajeto entre a casa e a escola, aluno 9º ano, 2014. A imagem ressalta os elementos moveis e os problemas urbanos do lugar.

O mapa mental acima trás uma diferente percepção da paisagem, a aluna percebe o lugar de maneira interligada a partir da interligação de sua casa com a escola. Ao construir seu mapa transpõe para a imagem apenas os elementos que chamam sua atenção, os principais elementos foram destacados em cores. Os elementos móveis como os carros, ônibus e motocicleta evidencia a dinâmica urbana do lugar, seu bairro dispõe de um fácil acesso sendo cortado por importantes avenidas.

Os problemas urbanos foram destacados, aparecem entulhos em um canal próximo a avenida, também aparece um córrego entre as vias de ligação. O mapa mostra a diversidade de elementos urbanos que são percebidos no bairro, apesar de ser um bairro movimentado apresenta problemas de periferia. A cidade com isso é vista pela aluna com uma diversidade tanto de problemas quanto de prosperidade.

A partir da análise dos diversos mapas mentais expostos, pode-se considerar que maioria dos alunos percebe a cidade sob a ótica do seu lugar vivido, sendo que a maioria das representações foi do próprio bairro do aluno. Apesar das semelhanças dos lugares das representações verifica-se que os alunos compreendem a cidade a partir das características do lugar de sua vivência cotidiana.

Os mapas mentais enquanto ferramenta didática contribui para que a experiência de cada aluno seja exposta em sala de aula e que a cidade seja vista de forma diversa, relacionada com múltiplas leituras da paisagem e características do lugar vivido pelos alunos, foram fundamentais para perceber esta diversidade de olhares dos alunos sobre a cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia escolar atualmente apresenta uma necessidade de transformar os conteúdos ministrados em sala de aula em algo mais significativo, que os alunos possam se reconhecer no cotidiano escolar. O ensino deve se relacionar com as características locais em que os alunos estão inseridos, buscando assim relacionar os conhecimentos gerais, com as particularidades presentes no lugar. A geografia aliada com os recursos didáticos apropriados assume um papel de disciplina que valoriza o estudo da cidade a partir da dimensão afetiva que os alunos apresentam do seu lugar vivido.

O estudo proposto se desenvolveu com a finalidade de haver uma valorização dos conhecimentos que os alunos apresentam do lugar de vivência, integrando os conteúdos cartográficos com o estudo do lugar e da paisagem. Ao propor o estudo dos mapas mentais nas aulas de geografia, o professor passa a dar importância ao protagonismo dos alunos onde estes mesmos irão relacionar o que se aprende em sala com suas experiências. Uma das funções dos mapas mentais é de trazer para a sala de aula os diversos mundos dos alunos, os locais de vivências e suas experiências cotidianas realizadas nos diversos ambientes da cidade.

Os mapas mentais usados como recurso didático no ensino de geografia se configurou como uma alternativa, capaz de trazer para a sala de aula as diversas percepções que os alunos têm da cidade e dos ambientes que fazem parte do seu cotidiano. Ao aliar os conteúdos com a experiência dos alunos nos ambientes da cidade, este recurso didático funciona como um elo entre os conhecimentos escolares e as diversas apreensões da paisagem urbana pelos alunos.

Concluimos que os alunos de ambas as turmas, ao representarem o seu lugar afetivo passaram a prestar mais atenção nos elementos presenciados no seu cotidiano, estes passam a ter um olhar mais dinâmico do seu bairro ou de sua rua. Compreendendo os espaços urbanos assim como lócus de interações sociais que propicia diversas interpretações e estimula o desenvolvimento de um senso crítico em relação aos fenômenos presenciados na cidade.

6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin & PASSINI, Elza Y. **Espaço Geográfico: ensino e representação**. Ed. 16. Contexto. São Paulo. 2010.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do Desenho Ao Mapa: iniciação cartográfica na escola**. Contexto. Ed. 5. São Paulo. 2011.
- ARCHELA, Rosely Sampaio, [ET AL]. **O Lugar dos Mapas Mentais na Representação do Lugar**. Volume 13. Londrina. 2004. Disponível em <http://www.geo.uel.br/revista>, Acesso em 31 de maio de 2012, 21:12:16.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. Ministério da Educação. 2001.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o Lugar Para Compreender o Mundo. IN: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Mediação. Porto Alegre. 2000.
- CASTELLAR, Sônia. **Ensino de Geografia**. Cengage. São Paulo. 2010.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. O Misterioso Mundo que os Mapas Escondem. IN: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (ORG), [ET AL,]. **Geografia em Sala de Aula: Práticas e Reflexões**. UFRGS/AGB. Ed. 3. Porto Alegre. 2001.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia Escolar e a Cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Papirus. São Paulo. 2008.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. Ática. 2. Ed. São Paulo. 1987. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino Básico: questões e propostas**. Contexto. São Paulo. 2008
- KOZEL, Salete. Mapas mentais – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas in: KOZEL S. et al (org): **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.
- MASCARENHAS, João de Castro, (org.) ET AL. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea: diagnóstico do município de Campina Grande, estado da Paraíba**. CPRM- Serviço Geológico do Brasil. Recife. 2005.
- MORAES, Robert Carlos Antonio. **Geografia: pequena Historia critica**. Hucitec. Ed 9º. São Paulo. 1983.
- NOGUEIRA, Amélia R.B. **Mapa Mental: recurso didático no ensino de Geografia no 1º grau**. Dissertação de mestrado. FFLCH\USP. São Paulo. 1994.

OLIVEIRA, Livia. Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa. IN: ALMEIDA, Rosângela Doin de. (org.). **Cartografia Escolar**. Contexto. Ed. 2. São Paulo. 2010.

Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. volume 3. Brasília. 2006.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib, ET AL. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. Ed. 3. Cortez. São Paulo. 2009

RICHTER, Denis. **O Mapa Mental no Ensino de Geografia**: concepções e propostas para o trabalho docente. UNESP. São Paulo. 2011.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Geografia**: introdução a ciência geográfica. Avercamp. São Paulo. 2008.

THEML, Neyde & BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **História Comparada**: olhares plurais. Revista de historia comparada. Rio de Janeiro. 2007.

TUAN, Yu-Tuan. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Difel. São Paulo. 1980.

TUAN, Yu-Tuan. Geografia Humanística. IN: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. Difel. São Paulo. 1985.

APÊNDICE

Questionário aplicado nas turmas.

DADOS CADASTRAIS DO(a) ENTREVISTADO(a)

1. Idade: _____anos. 2. Gênero: Masculino () Feminino ()
3. Sua residência fica em área: Urbana () Rural ()
4. Turma:

QUESTÕES ALUSIVAS À TEMÁTICA DO TRABALHO

1. Escreva o nome de cinco elementos que se destacam na paisagem no entorno de sua escola:

2. Cite alguns lugares da cidade de Campina Grande que mais chamam sua atenção:_____
3. Com base no seu cotidiano fale sobre as principais atividades que você realiza nos ambientes públicos da cidade:_____
4. Descreva algumas características do seu bairro que mais chama sua atenção?

5. Qual meio de transporte você utiliza para chegar à escola?
Bicicleta () Motocicleta() Carro () Ônibus Escolar () Nenhum desses, vou a pé ()
6. O que você acha da disciplina de Geografia?
Interessante () Monótona () Complicada () Normal ()
7. Você entende o que está representado nos mapas do livro de Geografia?
Sim () Não () Às vezes ()
8. Nas aulas de Geografia o espaço da sua rua, sítio ou casa, já foi representado e trabalhado em sala?
Sim () Não (). O que achou?_____
9. Qual é o significado de Mapa Mental segundo a sua compreensão?
